

**MORFOSEMÂNTICA DAS CLASSES 1 E 2 EM CONTRASTE ÀS  
CLASSES 9 E 10 NA LÍNGUA MAKONDE**

**MORPHOSEMANTICS OF CLASSES 1 AND 2 IN CONTRAST TO  
CLASSES 9 AND 10 IN MAKONDE LANGUAGE**

**Eduardo Moisés**

Instituto de Formação de Professores Alberto Joaquim Chipande  
Universidade Rovuma - Moçambique

**RESUMO**

O presente artigo tem como foco a análise morfo-semântica das classes nominais 1 e 2 em contraste com as classes 9 e 10 na língua bantu Ximakonde. Através de uma abordagem filológica e introspectiva, o estudo investiga os morfemas nominais, bem como os campos semânticos associados a essas classes. As classes 1 e 2, tradicionalmente associadas a seres humanos, mostram variações morfológicas com a presença dos prefixos mu-, mw-, m- e n-. As classes 9 e 10, por outro lado, apresentam uma maior diversidade semântica, abarcando animais, conceitos abstratos, objetos diversos e empréstimos lexicais, com prefixos como (i)N-, i-, y-, di- e dy-. O estudo salienta ainda a importância das classes nominais na estruturação gramatical e semântica da língua Ximakonde, destacando-se como um contributo significativo para o aprofundamento do conhecimento sobre a organização morfológica e semântica das línguas bantu.

**PALAVRAS-CHAVE**

Morfosemântica. Classes nominais. Ximakonde. Línguas bantu.

**ABSTRACT**

This article focuses on the morphosemantic analysis of noun classes 1 and 2 in contrast with classes 9 and 10 in the Bantu language Ximakonde. Employing philological and introspective methodologies, the study explores noun morphemes and the semantic domains associated with these classes. Classes 1 and 2 are generally linked to human beings, and exhibit morphological variation through the use of prefixes such as mu-, mw-, m-, and n-. Conversely, classes 9 and 10 demonstrate broader semantic diversity, including animals, abstract concepts, miscellaneous objects, and loanwords, with prefixes such as (i)N-, i-, y-, di-, and dy-. The research underlines the centrality of noun classes in the grammatical and semantic structuring of Ximakonde, offering a valuable contribution to the understanding of Bantu language morphology and semantics.

**KEYWORDS**

Morphosemantic. Nominal Classes. Ximakonde. Bantu Languages.

## **1. Introdução**

O presente artigo tem como tema Morfosemântica das classes 1 e 2 em contraste às classes 9 e 10 em Ximakonde. A morfosemântica estuda as formações das palavras e o significado que as mesmas palavras são portadoras. O estudo pretende identificar e descrever os morfemas dos nomes das classes 1 e 2 em contraste às classes 9 e 10 nesta língua; e analisar a semântica dos nomes pertencentes às classes 1 e 9.

Ximakonde é uma língua Bantu do grupo Yaawo (P20 na classificação de Guthrie (1967-71), com o código P.23 é falada na província de Cabo Delgado por 327.224 falantes (INE, 2017). Os seus falantes ocupam a região nortenha da Província de Cabo Delgado, nos distritos de Ancuabe, Balama, Macomia, Meluco, Metuge, Mocimboa da Praia, Montepuez, Mueda, Muidumbe, Nangade, Palma, Pemba e Quissanga, ocupando uma área de 40.000 km<sup>2</sup> (Sitoe & Ngunga, 2000; Ngunga & Faquir, 2011; Ngunga, Manuel, Langa, Machungo & Câmara, 2022). Esta língua possui falantes nos países vizinhos como é o caso de Tanzânia e Quénia.

De acordo com Cassimo *et al.* (2010), a língua não é um elemento estático, ela é dinâmica, pois, evolui segundo o desenvolvimento da própria sociedade. O autor apresenta cinco variantes do Ximakonde a saber: a) Shindonde - falada pelos Vandonde/andonde os quais residem maioritariamente no vale do rio Rovuma, na zona montanhosa do planalto (Palma, Mueda e Nangade); b) Shimwalu - falada pelos Vamwalu, população residente no vale do rio Messalo (Mwalu); c) Shiyanga - falada pelos Vayanga, população localizada na Lyanga (Mocimboa da Praia); d) Shimwambe - falada pelos Vamwambe que são residentes nos distritos de Macomia e Meluco; e) Shimakonde - falada pelos Vamakonde que são residentes da zona alta do planalto, Kumakonde (Muidumbe, Nangade e Mueda).

A variante dialectal para o nosso estudo vai ser Ximakonde - falada pelos Vamakonde que são residentes da zona alta do planalto, Kumakonde (Muidumbe, Nangade e Mueda). A língua Makonde é uma das línguas em constante mudança, pelo facto de a mesma estar em constante contacto com as outras línguas de origem bantu, como é o caso do Makhuwa, Yaawo, Mwani, Swahili e com a língua portuguesa.

As razões fundamentais que motivaram a escolha deste tema são: (i) pelo facto de não existirem estudos recentes sobre este tema na língua; (ii) Actualmente, há muitos nomes da classe 9 que são drenados na classe 1, há uma necessidade de se verificar a semântica dos nomes que são albergados na classe 1 sendo oriundos da classe 9; (iii) Que transformações sofrem os nomes que são transladados da classe 9 para que possam ser drenados na classe 1.

Este estudo é importante na medida em que vai responder a escassez de literatura que trata do assunto em estudo, em particular na língua Makonde. A pesquisa vai permitir diversos actores, investigadores, alunos entre outros interessados, tenham um material de consulta.

## **2. Metodologia**

Para a realização deste trabalho, adaptou-se os métodos filológico e de introversão. O método filológico, por sua vez, baseia-se na colecta de dados provenientes de material escrito relacionado ao tema. Nesse contexto, foram consultadas obras que abordam a temática em questão e os dados usados para efeitos de análise e interpretação foram obtidos em Leach (2010). Quanto ao

método de introspecção, Ngunga (2006) destaca que ele se fundamenta no estudo do conhecimento e uso inconsciente que o linguista possui sobre a língua. Em investigações linguísticas, trata-se de uma abordagem em que o próprio pesquisador analisa a sua língua conforme a conhece, podendo, ainda, recorrer a outros membros de sua comunidade linguística, caso estejam disponíveis, além da bibliografia pertinente ao assunto.

Terminada esta parte, passaremos para a fase do corpo do trabalho que versa sobre a Revisão de Literatura, onde serão discutidos alguns conceitos dentre eles: morfosemântica, morfologia, semântica e classes nominais.

### **3. Revisão de literatura**

#### **3.1 Morfosemântica**

A morfosemântica tem como objecto do seu estudo as formas (ou grupos estáveis de semas) e os conteúdos (ou grupo de feixes de isotopias) elaborado pela actividade enunciativa e interpretativa. Este conceito é aplicado sobretudo em semântica de textos (Neveu, 2008). Entende-se por semas os constituintes ou traços distintivos de significação e permite um estudo diferencial de significados num determinado conjunto lexical que forma um corpus. Os semas podem ser conotativos e denotativos. Enquanto isotopias vai ser entendida como a recorrência de um sema ou de um conjunto de semas num enunciado, qualquer que seja o sentido. Exemplos:

- 1a) *João ankunnota mwana*. ‘O João quer bebé’
- 1b) *João ankuvalota vana*. ‘O João quer bebés’

Neste caso encontramos os semas animados e humanos. Na enunciação, como na interpretação, a acção e a percepção semântica são exercidas sob três tipos de “unidades”: i) os conteúdos perceptivos que estabelecem nas isotopias genéricas; ii) as formas regulares ou sessões regulares de forma que estabelecem as isotopias específicas; iii) as formas singulares ou sessões singulares das formas que marcam as allotropias.

A actividade enunciativa e interpretativa consiste em elaborar formas, estabelecer conteúdos e fazer variar as relações conteúdo-forma. Assim sendo, a geração de conteúdos e de formas se operam por rectificação repetida, reformulações, correcções e renovações. Um texto é gerado ao ser reinterpretado onde a sua produção é uma interpretação e ao corrigir, ao se reler, não cessa de interpretar a si mesmo (Neveu, 2008). Contudo, estes aspectos são estudados no campo da Morfosemântica.

#### **3.2 Morfologia**

A morfologia é o estudo nos diversos campos da ciência, o foco do nosso estudo é no âmbito dos estudos linguísticos onde, a morfologia dedica-se apenas ao conhecimento de um tipo específico de formas, que são as palavras, também trata das relações que se estabelecem entre a forma, a função e o significado das palavras.

No mesmo pensamento, a morfologia visa por um lado, a análise da estrutura das palavras existentes e por outro lado, a descrição dos processos morfológicos de formação de novas palavras (Villalva, 2010). No primeiro caso encontramos os seguintes campos de estudo: especificação morfológica, a flexão,

derivação, a modificação e a composição das palavras. No segundo caso, a morfologia preocupa-se apenas com derivação, a modificação e a composição das palavras.

Para Ngunga (2014) define a morfologia como o estudo dos morfemas, das regras que regem sua combinação para a formação das palavras e da sua função no sintagma e na frase. O autor avança que o seu objecto de estudo é o morfema que é a unidade menor da língua portadora de sentido (lexical ou grammatical), na hierarquia da palavra. Os autores convergem a quando do estudo da palavra e os seus constituintes dessa mesma palavra ou frase.

### **3.3 Semântica**

A semântica é o estudo da linguagem e do significado literal exacto das palavras dentro das frases e sentenças, e das inter-relações abstractas entre diferentes componentes da sentença. A Semântica é o estudo do significado (de palavras, frases e enunciados) na linguagem. Ela descreve as relações significativas entre estas palavras e explica os processos que levam a novas palavras e sentidos. A Semântica também é definida como o estudo das relações entre os símbolos de uma língua, seu significado e os usuários da língua (YULE, 2010).

Ao estudar semântica, é muito importante distinguir entre dois tipos de significado: o significado da palavra/frase e o significado do falante (Hurford, et al., 2007, citado por Macalane, s/d). O significado da palavra ou da frase é o que uma palavra ou uma frase significa literalmente. É o que as palavras convencionalmente significam quando colocada juntas para formar frases. Isso é referido como significado denotativo, que é considerado como o significado central ou essencial de um item lexical. Também é chamado de significado geral ou significado conceptual (Yule, 2010, Macalane, s/d).

## **4. A morfologia do nome nas línguas bantu**

A morfologia nominal nas línguas bantu caracteriza-se por um sistema altamente estruturado e sistemático de classes nominais, o qual desempenha papel central na organização grammatical dessas línguas. As classes nominais são marcadas por prefixos específicos que condicionam a concordância com outros constituintes da oração, como verbos, pronomes, adjetivos e determinantes.

Meinhof (1932) sistematizou o funcionamento do sistema de classes nominais, identificando entre 20 a 22 classes distintas. Cada classe é associada a um prefixo morfológico que incide sobre o nome, indicando traços semânticos (como animacidade, forma, tamanho, entre outros) e categorias grammaticais como número (singular/plural). A marcação prefixal nas línguas bantu implica um complexo sistema de concordância nominal, que se manifesta em múltiplos domínios sintáticos. O trabalho de Meinhof foi pioneiro ao estabelecer uma tipologia morfológica baseada na regularidade dos prefixos nominais e suas respectivas funções sintáticas e semânticas.

Os nomes são definidos por propriedades universais de categorização lexical, as quais se manifestam de forma particularmente visível nas línguas bantu por meio do sistema de classes nominais. Nesse contexto, os prefixos das classes são tratados como marcadores morfológicos que configuram a identidade categorial do nome e controlam relações sintáticas de concordância. Baker argumenta que a morfologia nominal bantu fornece evidências empíricas robustas

para teorias sobre a estrutura da gramática universal e sobre os mecanismos formais de categorização lexical (BAKER, 2003).

## **5 Classes nominais nas línguas bantu**

As classes nominais são um sistema morfológico encontrado em várias línguas, especialmente nas línguas bantu, no qual os nomes são agrupados em categorias gramaticais chamadas "classes". Cada classe é marcada, em geral, por um prefixo que aparece no próprio substantivo e que controla a concordância gramatical com outros elementos da oração, como verbos, pronomes, adjetivos e numerais. De acordo com Sitoe (2000), a classe nominal pode ser entendida como "um sistema em que os nomes estão organizados por classes que apresentam pelo menos uma propriedade comum, cada uma com os seus prefixos nominais e marcas de concordância."

Bleek (1862) citado por Langa (2013, p. 94), define classe nominal como "o conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou padrão de concordância. As classes nominais controlam as regras de concordância gramatical, por meio dos prefixos, "qualquer elemento prefixado serve para desencadear o sistema de concordância gramatical" (Langa, 2013, p. 97). Assim, o nome apresenta duas partes, nomeadamente o prefixo variável em função da classe e o tema nominal, geralmente, invariável. Esta composição é de extrema importância para a conceptualização do que é uma classe nominal nas línguas bantu. O Ximakonde possui 18 classes nominais, conforme a tabela abaixo.

**Quadro 1:** Classes e prefixos nominais de Ximakonde

<b>Prefixos</b>	<b>Classes</b>	<b>Exemplo do nome</b>	<b>Significado</b>
mu-	1	<i>Munu</i>	'pessoa'
va-	2	<i>Vanu</i>	'pessoas'
mu-	3	<i>Muti</i>	'cabeça'
mi-	4	<i>Myuti</i>	'cabeças'
li-	5	<i>Lidodo</i>	'perna'
ma-	6	<i>Madodo</i>	'pernas'
xi-	7	<i>Xijulu</i>	'chapéu'
vi-	8	<i>Vijulu</i>	'chapéus'
(i)-N-	9	<i>Imbudi</i>	'cabrito'
di-N-	10	<i>Dimbudi</i>	'cabritos'
lu-	11	<i>Lungawu</i>	'rede'
di-	10	<i>Dingawu</i>	'redes'
ka- (dim.)	12	<i>Kajulu</i>	'chapéu pequeno'
tu- (aum.)	13	<i>Tujulu</i>	'chapéu grande'
u-	14	<i>Ukoti</i>	'pescoço'
ma-	6	<i>Makoti</i>	'pescoços'
ku- (infin)	15	<i>Kulila</i>	'chorar'
pa- (loc.)	16	<i>Pamala</i>	'namachamba'
ku- (loc.)	17	<i>Kumala</i>	'lánamacchamba'
mu- (loc.)	18	<i>Mumala</i>	'dentro da machamba'

**Fonte:** Liphola (2001)

A tabela acima, os nomes estão distribuídos aos pares (singular/plural), como em: 1/2, 3/4, 5/6, 7/8, 9/10, 11/10, 12/13, 14/6 e apenas no singular, como em 15, 16, 17 e 18. Em muitas línguas bantu, essas classes estão associadas ao campo semântico, como por exemplo, na classe 1 e 2 abundam nomes de seres humanos. Vamos de seguida, falar da semântica dos nomes com a devida profundidade.

### **5.1 A Semântica das classes nominais nas línguas bantu**

A semântica das classes nominais nas línguas bantu diz respeito às relações entre os prefixos de classe e os campos de significados com os quais estão associados. Embora o sistema de classes seja primordialmente gramatical, ele apresenta, em muitas línguas bantu, correlações semânticas claras que contribuem para a organização lexical e para a estrutura da concordância sintática.

### **5.2 Associação entre classes e campos semânticos**

Em muitas línguas bantu, as classes nominais agrupam substantivos com traços semânticos semelhantes. A Quadro 2, a seguir apresenta algumas associações recorrentes com base em dados do Swahíli e de outras línguas representativas, adaptada a partir dos dados obtidos em Ashton (1947):

**Quadro 2:** Agrupamento de substantivos

<b>Classe(s)</b>	<b>Semântica típica</b>	<b>Exemplo (Swahíli)</b>	<b>Tradução</b>
1 / 2	Seres humanos	mtu/watu	pessoa/pessoas
3 / 4	Plantas, partes de árvores	mti/miti	árvore/árvores
5 / 6	Objetos grandes ou redondos	tunda / matunda	fruta/frutas
7 / 8	Objetos pequenos ou concretos	kiti/viti	cadeira/cadeiras
9 / 10	Animais e objetos diversos	ndizi/ndizi	banana(s)
11 / 10	Objetos alongados	ulimi/ndimi	língua/línguas
14	Abstrações e conceitos	Uhuru	Liberdade
15	Verbos no infinitivo	Kusoma	ler (o ato de)

**Fonte:** Ashton (1947)

Apesar dessas associações, a relação entre classe nominal e significado nem sempre é rígida. Algumas línguas bantu possuem variações internas quanto à distribuição semântica das classes, e factores fonológicos ou históricos podem influenciar a alocação de um substantivo a uma determinada classe. Assim, embora o sistema apresente tendências semânticas, ele não é inteiramente previsível.

A semântica das classes nominais nas línguas bantu revela uma estrutura morfológica que, embora essencialmente gramatical, possui motivações semânticas importantes. Esse sistema articula significado e forma de maneira integrada, desempenhando papel central na organização das línguas bantu tanto em nível lexical quanto sintáctico.

Estivemos a ver acima, a semântica dos nomes em termos genéricos, de seguida, passaremos a discutir, especificamente a morfosemântica dos nomes das classes 1 e 2 em contraste às classes 9 e 10 em Ximakonde.

### **5.3 Morfosemântica das classes 1 e 2 em contraste às classes 9 e 10 do Ximakonde**

Uma das características das Línguas Bantu (LB) é a organização de nomes em classes nominais (CN), de acordo com a orientação semântica, e em prefixos nominais (PNS). Vale recordar que, ao nível da Linguística Bantu, uma CN constitui “conjuntos de substantivos que desencadeiam o mesmo padrão de concordância” (Van De Velde, 2019, apud Dimande, 2023).

Em Ngunga (2014, 2004, 2002) entende por classes nominais como um “conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância”. No caso do nome, pode se observar duas formas de acoplar, a primeira esta relacionada a existência de prefixo variável em função da classe e um tema. O tema neste caso é portador do significado lexical do nome, este por sua vez, pode apresentar um radical e uma vogal final que pode ser variável.

Quando o radical é acompanhado por diferentes prefixos ou sufixos, a mudança semântica é apenas parcial, visto que, a sua realização apenas ocorre no início ou no fim da palavra e mantendo a sua forma de significação. Vamos de seguida explorar a semântica e a morfologia dos nomes das classes 1 e 2 em contraste às classes 9 e 10.

### **6. Nomes de seres humanos (CL 1 e 2)**

Nos exemplos a seguir, observe que o prefixo nominal da classe 1 *mu-* só aparecessem modificação em dois contextos: i. Antes de uma raiz monossilábica, como em *muúnu* 'pessoa', e ii. Na identificação de nomes como *múnteéla* 'curandeiro' e *múndoonde* 'uma pessoa *ndonde*' (no qual *mu-* é adicionado como um prefixo externo antes de um radical que começa com uma sequência nasal-consoante).

- 2a) *muúnu* 'pessoas' cf. *vaánu* 'pessoas'  
*múnteéla* 'curandeiro' cf. *vámíteéla* 'curandeiro'  
*múndoonde* 'pessoa de *Ndonde*' cf. *vándoonde* 'pessoas de *Ndonde*'
- 2b) *mwáali* 'rapariga' cf. *váali* 'raparigas'
- 2c) *mmóónigo* 'inimigo' cf. *Vámóónigo* 'inimigos'
- 2d) *nnwééle* 'doente' cf. *Válwééle* 'doentes'  
*Nkóngwe* 'mulher' cf. *vakoóngwe* 'mulheres'  
*ntájiíli* 'rico' cf. *vátájiíli* 'rico'

### **6.1 Nomes de animais personificados na classes 1/2**

- 3a) *mmaáala* 'gazela' cf. *vámáála* 'gazelas'  
*nnyaáma* 'animal' cf. *Ványááma* 'animal'  
*nnyeêdi* 'caracol' cf. *ványeedi* 'caracóis'
- 3b) *ntuúmi* 'leao' cf. *vántúúmi* 'leões'  
*nguluúve* 'porco' cf. *vángúlúúve* 'porcos'  
*shúvi* 'leopardos' cf. *váshúvi* 'leopardos'

### **6.2 Nomes de parentesco**

- 4a) *nkúlúmuunu* 'irmão mais velho' cf. *vákúlúmuunu* 'irmãos mais velhos'

*nkúlwáángu* 'meu irmão mais velho' cf. *vakulúvaángu* 'meu irmão mais velho'

*nnúmbúgweetu* 'nossa irmã' cf. *válúmbúveetu* 'nossas irmãs'  
*njééetu* 'nossa amiga' cf. *vávééetu* 'nossas amigas'

4b) *mwánáángu* 'meu filho' cf. *vánávaángu* 'meus filhos'

*mwánééetu* 'meu irmão mais novo' cf. *vanung'unúveéetu* 'meu irmão mais novo'

*mwánágweetu* 'nossa filha' cf. *vánáveetu* 'nossas filhas'

4c) *nyáángu* 'meu amigo' cf. *váváángu* 'meus amigos'

4d) *ájáala* 'mãe' cf. *vájáala* 'mães'

*ányoóke* 'a mãe dele' cf. *vajujúvaáke* 'mães deles'

### **6.3 Miscelânea**

5a) *uúndi* 'águia' cf. *váúúndi* 'águias'

*úumu* 'rei' cf. *váúumu* 'reis'

*túupa* 'lima' cf. *vátúupa* 'limas'

Os exemplos acima são nomes das classes 1, tendo como prefixo básico o morfema mu- e 2 (va-). Em termos semânticos, os nomes das classes 1 e 2 podem ser seres humanos, de animais personificados, de relações de parentesco e uma miscelânea (animais, pessoas e coisas). Em termos morfológicos, os nomes em 2a) ostentam de forma plena que o prefixo da classe 1 mu-. O exemplo em 2b) e 4b) ilustram que quando o tema nominal começar em vogal, há uma necessidade de fazer a resolução de hiatos e, neste caso, a vogal *u* do *mu-* passa a semivogal labiovelar *e*, como consequência, temos o prefixo *mw-*.

Em 2c), 2d), 3a), 4a) estamos diante dos prefixos m- e n- que ocorrem como resultado de apagamento de *u* do prefixo básico mu- e depois ocorre a assimilação do ponto de articulação da consoante seguinte, podendo ser m- para os sons bilabiais e n- para os demais sons. Em 4d), temos nomes que ostentam o prefixo a- na classe 1 e va- na classe 2. Há situações em que temos nomes sem prefixos, ou seja, com o prefixo zero ( $\emptyset$ ). Estamos a falar do último estágio de evolução da língua, visto que o morfema básico, neste caso, mu- desaparece por completo. Referimo-nos aos nomes de animais personificados em 3b, ao nome de parentesco em 4c) e aos nomes de miscelânea em 5a).

Vamos discutir de seguida, a semântica dos nomes das classes 9 e 10 e de acordo com Ngunga (2014), nestas classes é comum encontrar animais e outros; Mpalume e Mandumbwe (1991), dizem que se encontram nomes de animais e coisas; Mutaka e Tamanji (2003), dizem que se encontram nestas classes muitos nomes de animais, inanimados e poucos nomes de pessoas.

### **6.4 Nomes de animais**

6a)(i) *nyuúshi* 'abelha' cf. *dinyuúshi* 'abelhas'

(i) *nyaáma* 'carne, animal' cf. *dinyaáma* 'carnes; animais'

(i) *meénde* 'rato do mato' cf. *dimeénde* 'ratos do mato'

(i) *ng'weéna* 'crocodilo' cf. *ding'weéna* 'crocodilos'

(i) *nguluúve* 'porco' cf. *dinguluúve* 'porcos'

(i) *ng'úuku* 'galinha' cf. *díng'úuku* 'galinhas'

6b) *yóomba* 'peixe' cf. *dyóomba* 'peixes'

6c)(i) *shúuvi* 'leopardo' cf. *díshúuvi* 'leopardos'

## **6.5 Nomes abstractos**

7a) (i)ng'aáno 'ideia'	cf.	ding'aáno	'ideias'
(i)nuúshu 'metade'	cf.	dinuúshu	'metades'
(i)mongo 'força'	cf.	dimoóngo	'forças'
7b)yóóni 'vergonha'	cf.	dyóóni	'vergonha'
7c)íshiima 'respeito'			

## **6.7 Miscelânia**

8a) (i)ng'aânde 'casa'	cf.	ding'aânde	'casas'
(i)muúmu 'alma'	cf.	dimuúmu	'almas'
(i)ndaála 'fome'	cf.	dindaáala	'fome'
(i)ndiíla 'caminho'	cf.	dindiíla	'dindila'
8b)igoôli 'cama'	cf.	digoôli	'camas'
ikiíti 'cadeira'	cf.	dikiíti	'cadeiras'
ilaângá 'savana'	cf.	dilaângá	'savanas'

## **6.8 Empréstimos nominais**

9a) (i)méésha 'mesa'	cf.	díméésha	'mesas'
(i)balúugwa 'carta'	cf.	dibalúugwa	'cartas'
(i)saââa 'relógios'	cf.	disaââa	'relógios'

Olhando para os dados acima, pode-se depreender que em termos semânticos, os nomes da classe 9 e 10, podem ser de animais, conforme (Ngunga 2014, Mutaka e Tamanji, 2003 e Mpalume e Mandumbwe, 1991), nomes abstractos, miscelânea e empréstimos (Leach, 2010). Quanto aos prefixos que estas classes ostentam, podemos encontrar o prefixo (i)N- como se pode ver nos exemplos em 6a), 7a) e 8a, i-, como em 6c), 7c), 8b) e 9a) e y- como se vê em 6b) e 7b) para o singular e di-N e dy- para o plural, ou seja, os prefixos da classe 10 e os prefixos di- e dy- se encontram em distribuição complementar na língua.

Ora, se compararmos os nomes das classes 1 e os das classes 9, podemos notar que os nomes de animais passam por um processo de personificação na classe 1, ou seja, os nomes personificados de animais que constam da classe 1, muitos deles são oriundos da classe 9. Para efeitos de adequação na classe 1, muitos deles perdem o prefixo i- e, também, a sua integração na classe 1 acabam ostentando alguns nomes o prefixo zero, como em 3b e outros o prefixo nasal, como em 3a.

## **Considerações finais**

O estudo da morfosemântica das classes nominais 1/2 e 9/10 em Ximakonde revela a complexidade e riqueza estrutural da língua. Identificou-se que os prefixos desempenham um papel fundamental tanto na formação morfológica quanto na categorização semântica dos nomes. As classes 1 e 2 mantêm forte relação com a referência a seres humanos, enquanto as classes 9 e 10 abrangem uma vasta gama de entidades e conceitos, incluindo empréstimos e noções abstratas.

Feita a descrição, observou-se que alguns prefixos fazem a concordância regressiva em Ximakonde o que resulta nas seguintes combinações: os prefixos nominais das cl1. Fazem o seu plural com a cl2 o mesmo acontece na palavra umúnu cl1 'pessoa' faz a sua concordância com Vaánu cl2. Esta ordem e/ou forma

de ocorrência é linear em Ximakonde. As classes nominais 1 e 2 nesta língua são realizadas através dos prefixos nominais (mu-) e o plural é feito através do prefixo (va-). O mesmo não se pode observar nas classes 9 e 10 onde, a cl10 é singular da cl9. Exemplo: kandambaali/cl10 'par de sandália' o seu plural é dikandambaali/cl9 esta forma de ocorrência é a que chamaríamos de regressão no tocante aos elementos que combinam na formação de plural da classe 10 para 9. As classes 9 e 10, os prefixos de concordância podem ocorrer (ø-), (N;N), (iN; di) entre outros.

Além disso, o estudo evidencia o impacto da evolução linguística e do contacto com outras línguas bantu e o português. Conclui-se que uma compreensão aprofundada da morfosemântica das classes nominais é essencial para a descrição linguística, ensino e preservação do Ximakonde, contribuindo para o desenvolvimento da linguística bantu em Moçambique e na região.

## **Referências**

- ASHTON, E. **Swahili grammar (including intonation)**. 2nd ed. London: Longmans, Green & Co. 1947.
- BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L. NASCIMENTO, A. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, vol.11, nº 3, p.23-38. 2017.
- BAKER, M. **Lexical categories**: Verbs, nouns and adjectives. NY: Cambridge University Press, 2003.
- DIMANDE, E. **Estratégias de indeterminação de sujeito nas línguas Bantu**: o caso da língua ronga. Editora entre palavras. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA), Universidade Eduardo Mondlane (UEM), 2023.
- LEACH, B. **Foundations for a systemic treatment of verbal and nominal tone in Plateau Shimakonde**. Dissertação apresentada como um Requisito Parcial para Aquisição do Grau de Professor Doutor na Universidade de Laiden-Nigéria. Janskerkhof: The Netherlands, 2010.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MEINHOF, C. **Introduction to the phonology of Bantu languages**. Berlin: Reimer, Vohsen, 1932.
- MPALUME, J. E.; MANDUMBWE, M. **Nashilangola wa Shitangodi sha Shimakonde**: Guia da Língua Makonde. Cabo Delgado: NAEMCD, 1991.
- MUTAKA, N.; TAMANJI, P. **An introduction to African Linguistics**. Lincom handbooks in linguistics, n 16. Munich: Lincom Europa. 2000.
- CASSIMO, J.; PAJUME, M.; SIMBA, M. C.; LYAUDE, C. N.; SIMÃO, O. **Vocabulário de Shimakonde**. Nampula. SIL Moçambique, 2010.
- NEVEU, F. **Dicionário de ciências da linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- NGUNGA, A.; FAQUIR, O. **Relatório do III Seminário de Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas**. Maputo: CEA-UEM. Nossas Línguas IV, 2011.
- NGUNGA, A. **Estrutura do Trabalho Científico**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2006.
- NGUNGA, A.; MANUEL, C.; LANGA, D.; MACHUNGO, I.; CÂMARA, C. **Padronização das Línguas Moçambicanas**. Relatório do IV Seminário. Edição Editores, 2022.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

- SIMÕES, Â.; SAPETA, P. **Entrevista e Observação:** Instrumentos Científicos em Investigação Qualitativa. Lisboa: Editora Revista Investigación qualitativa, 2018.
- SITOÉ, B.; NGUNGA, A. **Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.** Maputo: NELIMO, UEM, 2000.
- SITOÉ, B. **Dicionário Changana- Português.** 2.ed. Maputo. Textos Editores, 2011.
- VILLALVA, A. **O essencial sobre a Morfologia.** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010.
- YULE, G. **The study of language.** 4th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

**Para citar este artigo:** MOISÉS, Eduardo. Morfo-semântica das classes 1 e 2 em contraste às classes 9 e 10 na língua Makonde. **AXÉUNILAB:** Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p.270-280, jan./jun. 2025. (Editores: Abias Alberto Catito - UEFS & Maurício Bernardo - UEFS \*\*Coordenação: Alexandre António Timbane).

**Eduardo Moisés**, Docente de carreira, natural da aldeia de Matambalale, no distrito de Muidumbe, província de Cabo Delgado, Licenciado em Linguística Bantu pela Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique. É formador no Instituto de Formação de Professores Alberto Joaquim Chipande de Pemba e Mestrando em Linguística Bantu pela Universidade Rovuma. Foi professor de Língua Portuguesa na Escola Secundária de Luanda em Cabo Delgado (2013-2020). E-mail: eduhilson2@gmail.com